18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

# A INTEGRAÇÃO DOS PÁTIOS E SUAS ÁREAS LIVRES ESCOLARES COMO INFRAESTRUTURA SOCIAL NAS CIDADES AMAZÔNICAS: A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ESCOLA PALMIRA LINS DE CARVALHO EM BELÉM-PA

**Paisagens e naturezas**

*THE INTEGRATION OF SCHOOL COURTYARDS AND ITS OPEN SPACES AS SOCIAL INFRASTRUCTURE IN AMAZONIAN CITIES: THE EXPERIENCE OF UNIVERSITY OUTREACH AT THE PALMIRA LINS DE CARVALHO SCHOOL IN BELÉM-PA*

BENZECRY, Rachel Sfair Ferreira
Docente em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Br | rachelsfair@ufpa.br | ORCID: https://orcid.org/0009-0007-8596-7008

FONSECA, Karolina da Costa
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Br | karollinafonseca@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0001-9940-6355

FERNANDES, Byanka Sheyewelly Mendes
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Br | byankaarq@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0007-6088-8805

LIMA, Sarah Evelin Wanzerley Lima
Pós graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Mestranda | Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Br | emaildasarahevelin@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0008-1184-3616

MOREIRA, Arthur Queiroz
Pós graduando em Arquitetura e Urbanismo, Mestrando | Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Br | aqueiroz42@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0008-0985-2062

**RESUMO**

Este artigo analisa o papel dos espaços livres escolares como componentes vitais do sistema de áreas verdes de Belém, com foco na EMEIF Palmira Lins de Carvalho. A pesquisa evidência a redução negligente dos pátios a funções apenas recreativas, defendendo-os como extensões do aprendizado e laboratórios de sustentabilidade. Com isto, o objetivo é demonstrar como a extensão universitária e o paisagismo sustentável podem requalificar esses ambientes. A fundamentação teórica baseia-se na Psicologia Ambiental, e na Pedagogia, que vê o pátio como ambiente de escuta e aprendizagem. A metodologia qualitativa e etnográfica utilizou a triangulação múltipla para interpretar os significados atribuídos pelos usuários. Os resultados revelaram que fatores de estresse ambiental, como a falta de sombreamento, limitavam o uso pleno do espaço. Dessa forma, foi proposto um projeto, segmentada em zonas de plantio e áreas multiuso, demonstrando que o projeto de arquitetura da paisagem escolar fortalece o vínculo afetivo e o pertencimento.

**Palavras-chave**: arquitetura da paisagem; arquitetura escolar; projeto; extensão universitária; amazônia.

***ABSTRACT***

*This article analyzes the role of school open spaces as vital components of Belém's green area system, focusing on EMEIF Palmira Lins de Carvalho. The research highlights the negligent reduction of courtyards to merely recreational functions, advocating for them as learning extensions and sustainability laboratories. Thus, the objective is to demonstrate how university outreach and sustainable landscaping can requalify these environments. The theoretical framework is based on Environmental Psychology, and on pedagogy, which views the courtyard as an environment for listening and learning. The qualitative and ethnographic methodology employed multiple triangulation to interpret the meanings assigned by users. Results revealed that environmental stress factors, such as the lack of shading, limited the full use of the space. Consequently, a project was proposed, segmented into planting zones and multipurpose areas, demonstrating that school landscape architecture design strengthens affective bonds and belonging.*

**Keywords:** *Landscape Architecture; Educational Architecture; Design; University Outreach; Amazon.*

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, o ritmo cada vez mais acelerado de produção revela a alta degradação socioambiental, sem que haja, no entanto, o tempo necessário para a natureza se restabelecer (Steinitz, 2009). Sabe-se que a qualidade de vida urbana depende, por exemplo, de preocupações ambientais e que, quanto mais houver uma conscientização de toda a sociedade dessa relação indissociável promovendo-se melhorias na saúde física e mental, menos casos teremos de doenças respiratórias e cardiovasculares. Além disso, mitiga-se a sensação de monotonia das cidades, melhora-se o microclima, oferece-se espaços de convívio social, além de reduzir a poluição atmosférica (Macedo et al., 2018).

Nesse sentido, entende-se que o espaço da escola é primordial não somente para a difusão do conhecimento acadêmico, mas também para o desenvolvimento social e a conscientização ambiental da comunidade escolar (Azevedo; Rheingantz; Tângari, 2017). Ao mesmo tempo, esse espaço faz parte dos sistemas de espaços livres da cidade de Belém que, em conjunto, possuem alta relevância ecológica (Macedo et al., 2018) e, conectados, contribuem para o enfrentamento de problemas ambientais, podendo suprir a escassez por espaços públicos qualificados, principalmente, na periferia da cidade. Para tanto, faz-se necessário que o pátio escolar e seus espaços livres tornem-se extensão da sala de aula, abrigando outras funções para além da recreativa, assumindo também uma função pedagógica, que envolva educação ambiental e social.

Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo apresentar a extensão universitária como ferramenta interdisciplinar para o ensino e a produção da arquitetura da paisagem em espaço escolar, demonstrando o impacto de um projeto socialmente comprometido para a requalificação e apropriação das áreas livres e pátios escolares por meio do paisagismo sustentável, apresentando alguns resultados alcançados no projeto de extensão universitária denominado de “No pátio da minha escola é assim: o espaço de aprendizagem da arquitetura da paisagem na escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho”, realizado entre 2025-2026 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), com o apoio da Pró Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (PROEX/UFPA).

O paisagismo sustentável proposto para a Escola Palmira Lins de Carvalho defende, em primeiro lugar, a multifuncionalidade do projeto, embasado em evidências científicas de várias áreas do conhecimento, em contraponto a projetos paisagísticos voltados, principalmente, a aspectos estéticos e artísticos. Assim, o projeto de extensão levou em consideração o pátio escolar e suas áreas livres como sendo um espaço lúdico: um espaço de brincar com e na natureza. O diálogo com os seus usuários (alunos, professores e funcionários), o reconhecimento de campo, entre outros, visaram a soluções projetuais conscientes e responsáveis, baseadas nas agendas oficiais de sustentabilidade, com foco na inclusão social e soluções baseadas na natureza (ONU, 2015).

Este projeto de extensão buscou mitigar problemas existentes no pátio escolar e áreas livres da escola, a partir de possíveis soluções propostas em arquitetura da paisagem que sejam de interesse e necessidade de seus usuários e da sociedade paraense, ampliando a relação entre a comunidade acadêmica, a população e diversos profissionais que atuam no mercado de trabalho em diversas áreas do conhecimento. Assim, houve o envolvimento de Professores do Magistério Superior e alunos vinculados a FAU/UFPA, além de outros profissionais das áreas do paisagismo (arquitetos paisagistas), da arquitetura (arquitetos), da engenharia (engenheiros florestais) e da educação (professor de Educação Geral da Secretaria Municipal de Educação de Belém). Esse

envolvimento multidisciplinar corrobora a organização de espaços que sejam ferramentas de equilíbrio ecológico, de valorização da paisagem amazônica pelas comunidades escolar e acadêmica, compreendendo-os a partir de seus valores sociais, pedagógicos, ambientais e econômicos (Katon; Towata; Saito, 2013).

A pesquisa utilizou de método qualitativo e de caráter etnográfico, exploratório e propositivo, utilizando ferramentas como levantamentos de campo, oficinas, entrevistas e rodas de conversa. A fim de compreender o objeto a ser intervencionado, os pátios e áreas livres da escola foram observados e analisados, com ações estruturadas a partir de conceitos da psicologia ambiental e triangulação múltipla, que consiste em uma estratégia de combinação de diferentes evidências e perspectivas para fortalecer as conclusões sobre o fenômeno investigado (Holanda; Farias, 2020). A partir das investigações, foram estabelecidos critérios e condicionantes que nortearam a concepção de um projeto em arquitetura da paisagem que busca articular qualidades como a sustentabilidade e adequação ao contexto escolar.

O artigo está estruturado em quatro partes, incluindo a presente introdução, que apresenta os pátios escolares e áreas livres das escolas como complementares aos espaços livres da cidade, bem como o objetivo da pesquisa e a metodologia. Em seguida, será explorada a importância dos pátios e áreas livres das escolas no desenvolvimento e formação social. Após será apresentada a Escola Palmira Lins de Carvalho e as ações desenvolvidas na extensão universitária, seguido pelo projeto em arquitetura da paisagem proposto para a escola municipal. Por fim, apresenta-se as considerações finais, destacando a importância do arquiteto e urbanista na produção de espaços urbanos que promovam a qualidade ambiental e o bem-estar da comunidade.

## 2 A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS LIVRES ESCOLARES

A arquitetura da paisagem, quando aplicada ao contexto escolar, ultrapassa a dimensão estética e assume um papel estruturante no processo educativo. Ao dialogar com a pedagogia, esses espaços passam a atuar como extensões da sala de aula, favorecendo experiências sensoriais, interações sociais e a construção do conhecimento em contato direto com a natureza. Nesse sentido, o pátio escolar e suas áreas livres configuram-se como ambientes ativos de aprendizagem, nos quais a criança vivencia processos de descoberta, experimentação e construção coletiva de saberes (Rinaldi, 2012).

A presença qualificada de áreas verdes nesses espaços torna-se ainda mais relevante em contextos urbanizados, nos quais o acesso cotidiano a ambientes naturais é limitado. Assim, a arquitetura da paisagem contribui para suprir essa lacuna ao promover a inserção de elementos naturais que estimulem a imaginação, a curiosidade e o envolvimento das crianças com o meio ambiente (Azevedo; Rheingantz; Tângari, 2017). Essa abordagem reforça a necessidade de compreender os espaços livres escolares como parte de um sistema mais amplo de sistemas de espaços livres das cidades, dotado de valores sociais, ambientais, pedagógicos e culturais, com alta relevância ecológica (Macedo et al., 2018; Katon; Towata; Saito, 2013).

Além disso, os espaços livres nas escolas desempenham múltiplas funções que estruturam as dinâmicas cotidianas. Conforme Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019), essas áreas oferecem cinco dimensões funcionais principais (Figura 1):

Figura 1: Funções dos espaços livres nas escolas.




Fonte: Gonçalves e Flores (2011 apud Higuchi; Kuhnen; Pato, 2019), modificado pelos autores, 2026.

Dessa forma, sua organização e qualidade influenciam diretamente as formas de uso e apropriação, evidenciando a importância de projetos que articulem funcionalidade, conforto e diversidade de experiências.

Para compreender como essas interações ocorrem, a psicologia ambiental fornece os alicerces teóricos (Tabela 1) que analisam a reciprocidade entre o indivíduo e o entorno. Ao considerar o ambiente como um agente ativo na constituição das experiências humanas (Moser, 1998), essa abordagem permite interpretar o pátio escolar não apenas como suporte físico, mas como mediador de percepções, emoções e comportamentos.

Tabela 1: Conceitos da psicologia ambiental.

| CONCEITOS DA PSICOLOGIA AMBIENTAL | DESCRIÇÃO |
|---|---|
| APEGO AO LUGAR | EVIDENCIA A DIMENSÃO AFETIVA DA RELAÇÃO COM O AMBIENTE. EXPRESSA COMO OS SUJEITOS SE RECONHECEM E SE POSICIONAM A PARTIR DESSE ESPAÇO. |
| IDENTIDADE DE LUGAR | EXPRESSA COMO OS SUJEITOS SE RECONHECEM E SE POSICIONAM A PARTIR DESSE ESPAÇO. |
| ARRANJO ESPACIAL | INFLUENCIA DIRETAMENTE AS POSSIBILIDADES DE USO, ORIENTANDO FLUXOS, PERMANÊNCIAS E INTERAÇÕES. |
| PERCEPÇÃO AMBIENTAL | REVELA COMO OS ESTÍMULOS FÍSICOS SÃO INTERPRETADOS E RESSIGNIFICADOS PELOS USUÁRIOS. |
| ESTRESSE AMBIENTAL | INDICA CONDIÇÕES ESPACIAIS QUE PODEM GERAR DESCONFORTO E IMPACTAR NEGATIVAMENTE O BEM-ESTAR. |

Fonte: Cavalcante e Elali, 2011, modificado pelos autores, 2026.

Esses conceitos, quando articulados ao projeto paisagístico, orientam a criação de ambientes que favoreçam tanto a liberdade de uso quanto a segurança, estimulando a exploração, a convivência e o desenvolvimento integral das crianças. A disposição de elementos como vegetação, mobiliário, percursos e áreas sombreadas, por exemplo, pode potencializar experiências sensoriais e fortalecer vínculos afetivos com o espaço.

Ao incorporar a perspectiva etnográfica, torna-se possível captar as dinâmicas cotidianas do pátio escolar em sua complexidade, considerando rotinas, fluxos, interações e formas de uso que não seriam apreendidas apenas por meras análises formais (Duarte, 2010). Para Geertz (1989), a etnografia não se limita à descrição das práticas observáveis, mas busca interpretar os sistemas de significados que orientam as ações dos indivíduos. Nesse sentido, o espaço escolar é entendido como um campo simbólico, no qual comportamentos, usos e interações expressam valores culturais e formas de apropriação. Assim, a etnografia emerge como abordagem fundamental para compreender os significados atribuídos ao pátio escolar e suas áreas livres.

Essa abordagem permite identificar como os espaços são efetivamente utilizados, quais áreas são privilegiadas ou evitadas e de que maneira os usuários transformam o ambiente a partir de suas práticas (Martins; Gonçalves, 2014).

## 3 UM OLHAR ATENTO À ESCOLA PALMIRA LINS DE CARVALHO

### 3.1 A Escola Palmira Lins de Carvalho

Situada no coração residencial da Marambaia, em Belém, a Escola Municipal Palmira Lins de Carvalho (Figura 2) se destaca em um entorno marcado pela alta densidade de casas unifamiliares e pela escassez de espaços verdes públicos (IBGE, 2022). No interior do lote, a arquitetura se organiza através de blocos conectados por passarelas elevadas, criando pátios abertos e permeáveis que facilitam a ventilação. O diferencial desta paisagem é a forte presença da flora amazônica, protagonizada por uma imponente samaumeira, que afere um valor simbólico e bioclimático essencial ao cotidiano escolar, os espaços verdes da escola acabam suprindo uma carência de áreas naturais no bairro para os estudantes.

Figura 2: A Escola Palmira Lins de Carvalho.



Fonte: Google Earth, 2025; Acervo do projeto de extensão, 2025.

A escolha desta unidade como objeto de estudo é estratégica, pois sua realidade urbana reflete os desafios de diversas escolas públicas da região norte que operam em três turnos, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além da viabilidade técnica proporcionada pela abertura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Pará (SEMEC) e da gestão escolar, a pesquisa se justifica pelo potencial de conectar as soluções encontradas a outros contextos amazônicos similares. O foco recai sobre a interação dos alunos com os espaços livres, que frequentemente subvertem as rotas oficiais das passarelas e ocupam o mobiliário de concreto, revelando novas dinâmicas de permanência e socialização sob a copa das árvores.

Dessa forma, a elaboração de um projeto paisagístico para o pátio escolar e suas áreas livres da escola EMEIF Palmira Lins de Carvalho buscou a articulação entre arquitetura da paisagem, psicologia ambiental e etnografia no entendimento aprofundado do pátio escolar ao integrar dimensões físicas, simbólicas e comportamentais. Essa integração possibilita uma leitura mais aprofundada do espaço, orientando intervenções que considerem não apenas sua configuração material, mas também os significados e experiências que nele se desenvolvem.

### 3.2 Levantamentos técnicos e percurso etnográfico na escola

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, adequada à investigação de fenômenos socioespaciais complexos, nos quais as relações entre indivíduos e ambiente demandam interpretações contextualizadas. Considerando os desafios inerentes à validação desse tipo de abordagem, buscou-se garantir rigor metodológico por meio da definição de procedimentos coerentes com os objetivos propostos (Ollaik; Ziller, 2012 apud Santos et al., 2018). Optou-se por utilizar de uma triangulação múltipla, caracterizada como a combinação de diferentes fontes de evidência e perspectivas analíticas, conforme a Tabela 2.

Tabela 2: Triangulação Múltipla e a aplicação na pesquisa.

| TIPO DE TRIANGULAÇÃO | DESCRIÇÃO | APLICAÇÃO NA PESQUISA |
|---|---|---|
| Dados | Uso de diferentes fontes de dados. Possui três subtipos: (a) tempo; (b) espaço; (c) pessoa. | Subtipos (a) e (c), ampliando a compreensão prolongada por meio da percepção de diferentes grupos inseridos no contexto escolar. |
| Investigadores | Emprego de vários observadores ou entrevistadores do mesmo objeto. | Emprego de diversos pesquisadores na coleta de dados e na discussão dos resultados, minimizando interpretações subjetivas. |
| Metodológica | Uso de vários métodos podendo ser: (a) dentro do método e (b) entre métodos. | Utilizou-se de três métodos distintos de coleta de dados qualitativos (intramétodo): rodas de conversa, entrevistas semiestruturadas e análises visuais. |

Fonte: Denzin (1978, p. 295 apud Holanda, Farias, 2020), modificado pelos autores, 2026.

Para estruturar uma observação passiva, foram definidos quatro pontos estratégicos nas áreas livres da escola, permitindo uma análise panorâmica e detalhada das dinâmicas de uso. Os pesquisadores utilizaram fichas de observação padronizadas para registrar descrições ambientais e comportamentos recorrentes de forma imediata. O levantamento foi complementado por registros fotográficos, gravações e croquis, que auxiliaram na composição de um diagnóstico sobre a ocupação do espaço.

A presença de múltiplos pesquisadores nas atividades de campo contribuiu para diversificar os olhares sobre o objeto de estudo, reduzindo vieses individuais e fortalecendo a interpretação dos dados. Essa estratégia permitiu confrontar diferentes percepções e construir uma leitura mais consistente das dinâmicas observadas.

A análise dos dados obtidos por meio das observações sistemáticas e registros em campo evidenciou que o uso dos espaços livres da escola ocorre de maneira heterogênea, refletindo tanto as características físicas do ambiente quanto as dinâmicas sociais dos usuários. As diferentes áreas livres da escola apresentam intensidades distintas de ocupação, indicando que o arranjo espacial influencia diretamente os padrões de uso.

As áreas próximas à quadra concentram maior fluxo e permanência, configurando-se como polos de atividades mais intensas, especialmente relacionadas ao brincar e às práticas esportivas. Em contraste, regiões adjacentes ao refeitório e áreas gramadas apresentam menor ocupação contínua, sendo utilizadas de forma mais pontual. Essa distribuição evidencia que elementos como tipo de piso, presença de mobiliário, sombreamento e condições de conforto ambiental condicionam a apropriação dos espaços.

As observações também indicaram variações significativas no comportamento dos usuários em função da faixa etária. As crianças mais novas tendem a explorar o ambiente de maneira mais dinâmica, utilizando diferentes setores dos espaços livres e estabelecendo maior interação com elementos naturais, como vegetação e áreas permeáveis. Já os alunos mais velhos demonstram padrões de uso mais estáticos, com permanência em grupos e preferência por superfícies pavimentadas, o que sugere uma relação distinta com o espaço ao longo do desenvolvimento.

Essa diferença pode ser interpretada à luz dos conceitos da Psicologia Ambiental, especialmente no que se refere à percepção ambiental e ao apego ao lugar (Cavalcante; Elali, 2011). Enquanto os mais novos parecem estabelecer vínculos mais diretos com elementos naturais, os mais velhos tendem a restringir suas interações a áreas que oferecem maior previsibilidade e conforto funcional. Tal comportamento também evidencia como o arranjo espacial pode favorecer ou limitar determinadas formas de uso.

Outro aspecto relevante diz respeito à presença de fatores que configuram situações de estresse ambiental. Condições como ausência de sombreamento adequado, acúmulo de água em determinadas áreas, presença de lama e limitações na infraestrutura impactam negativamente a permanência e o uso pleno dos espaços. Esses elementos reduzem o tempo de permanência, restringem atividades e podem gerar desconforto físico e emocional, interferindo diretamente na qualidade da experiência espacial.

Apesar dessas limitações, as observações revelam evidências consistentes de apropriação do espaço. A recorrência de atividades como correr, brincar, conversar e ocupar determinados pontos das áreas livres indicam que, mesmo diante de restrições, os usuários constroem

relações significativas com o ambiente. Esse processo reforça a existência de vínculos afetivos e simbólicos, característicos do apego ao lugar e da construção de identidades espaciais (Pacheco; Dorneles, 2025).

Em paralelo às atividades de observação, aconteceram atividades de levantamento técnico (Figura 3) na Escola Palmira Lins de Carvalho, realizadas em 2025, foram estruturadas como uma colaboração direta entre a FAU/UFPA, arquitetos paisagistas e o corpo pedagógico local. Sob orientações rigorosas de segurança e ergonomia para o trabalho de campo, os estudantes de arquitetura percorreram a unidade em diferentes turnos para registrar a dinâmica do espaço. O suporte técnico dos especialistas foi essencial para a catalogação botânica, onde a identificação de espécies por meio de troncos, raízes e copas, somada à medição precisa com trenas, fundamentou a base técnica necessária para o desenvolvimento do projeto paisagístico.

Figura 3: Equipe durante levantamentos técnicos.



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Para além do inventário arbóreo, a divisão em grupos permitiu uma análise multissensorial do ambiente, incluindo registros fotográficos, croquis de paisagem e o mapeamento do mobiliário e dos fluxos escolares. Essa imersão prática transformou a percepção dos discentes sobre o pátio, que deixou de ser visto apenas como uma massa vegetal genérica para se tornar um ecossistema rico em possibilidades projetuais. Com isso, essa sensibilização é o que permitirá ao futuro arquiteto compreender a complexidade da flora amazônica e sua integração genuína com o ambiente construído.

### 3.3 Oficinas de Educação Ambiental

As oficinas imersivas funcionaram como um vínculo entre a teoria acadêmica e a prática extensionista e a comunidade escolar, promovendo uma troca de saberes entre a universidade e a comunidade da Escola Palmira Lins de Carvalho. Estruturadas em cinco frentes que abrangeram desde a expressão artística com aquarelas botânicas até o manejo técnico de plantio, as atividades utilizaram a arte e a arquitetura da paisagem para fundamentar o ensino do paisagismo. Enquanto as primeiras etapas focaram na capacitação dos graduandos para a mediação pedagógica com os discentes, as fases finais concentraram-se na produção de material gráfico autoral com as crianças de ensino infantil e fundamental I, consolidando um

ciclo que aliou a valorização da flora amazônica ao atendimento das demandas reais do espaço escolar. As oficinas servem para transformar as escolas em agentes combatentes das mudanças climáticas por meio de uma abordagem integrada que une a readequação do espaço físico, a inovação pedagógica e o engajamento comunitário (Oliveira; Oliveira; Carvalho, 2025). Elas deixam de ser apenas locais de ensino teórico para se tornarem espaços educadores sustentáveis, onde a prática cotidiana reflete o cuidado com o equilíbrio do planeta.

Através dos jogos lúdicos ou da oficina, o estudante pode, simultaneamente, divertir-se e refletir sobre problemas socioambientais, relacionando saberes e construindo novos conhecimentos científicos (Leães, 2022). Ao colocar o estudante no centro do processo educativo, a metodologia de ensino colaborativo transformou as áreas livres em um laboratório vivo de criatividade e pensamento crítico. Essa estratégia não apenas ampliou o repertório técnico dos futuros arquitetos sobre a importância social da profissão, mas também despertou nos alunos da rede municipal um novo olhar sobre o próprio entorno. O resultado foi o fortalecimento do vínculo afetivo com as áreas livres da escola, onde o reconhecimento da natureza local deixou de ser algo abstrato para se tornar uma experiência de pertencimento e transformação do meio. Dessa forma, evidência que quando as crianças são ensinadas por meio de estratégias adequadas para sua faixa etária, elas conseguem desenvolver raciocínios complexos e relacionar o ensino com o seu dia a dia (Silva, 2022).

A experiência integrada permitiu que os discentes da universidade se reconhecessem como agentes transformadores, instigando reflexões profundas sobre o papel do arquiteto e urbanista na qualificação de espaços públicos de saúde e educação. A articulação entre os diferentes níveis de ensino e as áreas do conhecimento enriqueceu o processo formativo de todos os envolvidos, criando um ambiente propício para a troca de percepções sensíveis. Dessa forma, o projeto não apenas cumpriu seu cronograma técnico, mas também deixou um legado de conscientização ambiental e valorização da paisagem amazônica no cotidiano escolar. Como afirma Leães (2022), o conhecimento adquirido na escola é levado para casa, sensibilizando adultos e mobilizando a comunidade em torno de práticas de preservação e mudanças de hábitos. Com isso, as oficinas propostas tiveram o papel de incluir a comunidade local no ambiente escolar, criando uma rede que une a equipe pedagógica, cuidadores e estudantes em prol do cuidado com o meio ambiente que vá além da sala de aula.

## 4 A PAISAGEM EM PROJETO E SUAS POSSIBILIDADES DE USO

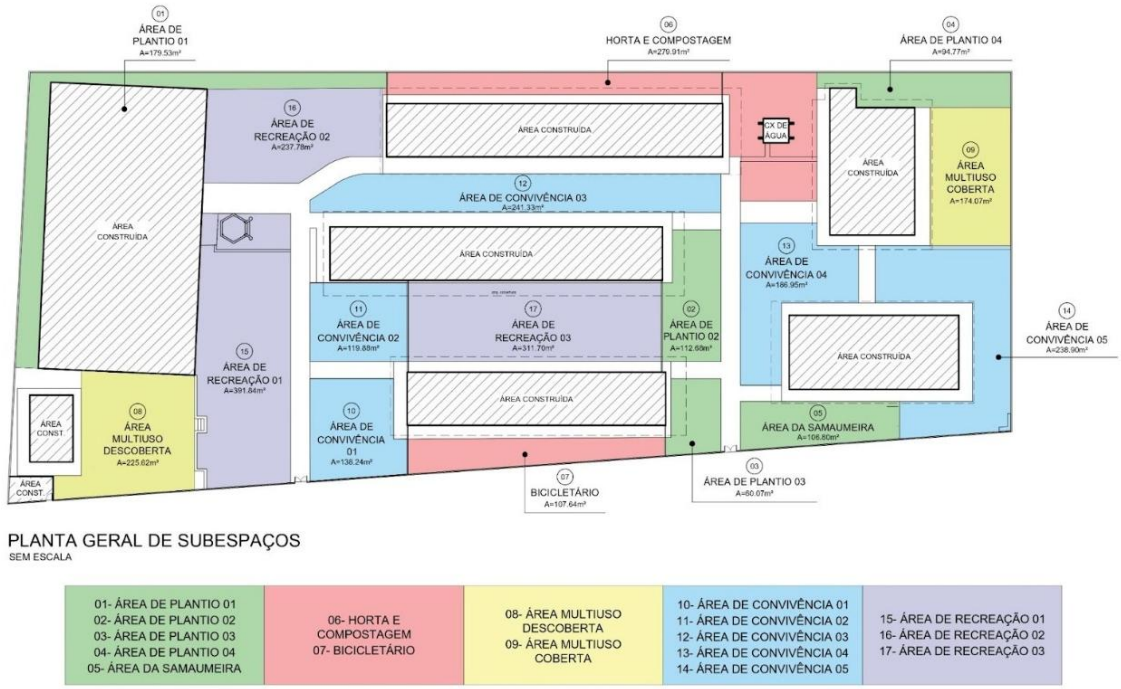
O projeto em arquitetura da paisagem desenvolvido para o pátio e áreas livres da escola Palmira Lins de Carvalho, além de buscar atender às necessidades funcionais dos usuários, teve como diretriz a integração dos espaços ao cotidiano escolar, potencializando ações pedagógicas, sociais, de recreação e de educação ambiental, relacionadas à apropriação do espaço como extensão da sala de aula. A gênese projetual foi marcada pela definição do diagrama funcional de paisagismo, com setorização sistemática de zonas de atividades e fluxos de circulação. Optou-se por segmentar o pátio escolar em partes que chamamos de “subespaços”, definidos para que houvesse maior controle e organização de tarefas e favorecendo, também, a execução por partes do projeto, conforme a necessidade e possibilidade da administração e coordenação pedagógica da escola.

Levando em consideração a importância da extensão universitária no ensino da arquitetura e urbanismo, prezou-se pela participação ativa dos alunos das turmas de paisagismo, orientados

no desenvolvimento projetual por profissionais da arquitetura e urbanismo, paisagismo, engenharia florestal e pedagogia, corroborando a importância da multidisciplinaridade nos projetos de amplo impacto social. As ações imersivas e um objeto e contexto reais, possibilitaram aos alunos o desenvolvimento de um novo olhar projetual cujo desafio e oportunidade residem em prezar pelo existente. Assim, as propostas de intervenção buscam ressignificar o lugar, sem limitar-se à criação de novas estruturas, mas promovendo melhorias que reforcem seu uso, identidade e sentido coletivo.

Ao total, foram projetados 17 subespaços, divididos em cinco categorias distintas, ilustradas em mapa geral de subespaços (Figura 4): 1) Áreas de plantio, em verde; 2) Áreas multiuso (coberta e descoberta), em amarelo; 3) Áreas de infraestrutura sustentável (bicicletário e horta e compostagem), em vermelho; 4) Áreas de convivência, em azul; e 5) Áreas de recreação, em lilás.

Figura 4: Mapa geral de subespaços.



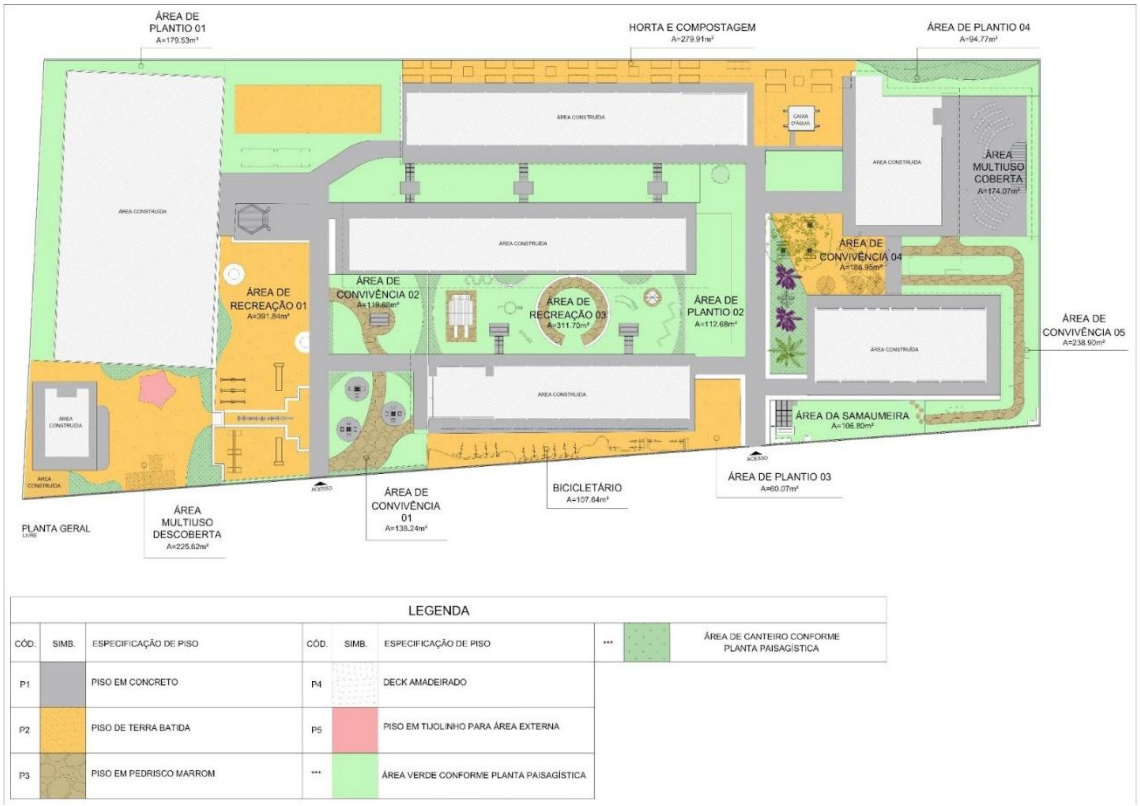

Fonte: Autores, 2025.

O projeto propõe a articulação das áreas livres da escola, possibilitando uma integração geral, apesar dos múltiplos usos e possibilidades que a subdivisão proporciona, formando um espaço dinâmico, inclusivo e formativo. A distinção das categorias nos permite ter uma melhor visualização da distribuição das funções que esses subespaços desempenham e como se articulam dentro de suas próprias categorias e no sistema como um todo. A proposta projetual busca, sobretudo, promover o uso cotidiano dos subespaços, contribuindo para o aprendizado ativo e interdisciplinar, para o fortalecimento de vínculos comunitários, para o lazer e bem-estar,

para o desenvolvimento físico e cognitivo e para a sensibilização dos usuários quanto às questões ecológicas.

A escolha das espécies vegetais foi feita, para todos os espaços, com o objetivo de trazer maior sombreamento e interação com os sentidos dos que frequentam a Escola, pois as cores, texturas e cheiros podem aumentar a relação de troca e afeto entre os usuários e o espaço. Foi preciso pensar qual seria o papel desempenhado por cada espécie vegetal: como as espécies de médio e grande porte proporcionam espaços de sombra para as atividades lúdicas ao ar livre, além de algumas serem com frutos que poderão ser aproveitados pelos alunos; como as forrações e arbustos vão ter a função de gerar barreiras físicas sem constituir barreiras visuais e como a grama pode proteger as crianças durante as brincadeiras de corre-corre. Além disso, a maior parte dos mobiliários propostos podem ser construídos por profissionais da comunidade, como pais que desempenham funções de pedreiros, carpinteiros e outros ofícios correlatos (Figura 5).

Figura 5: Planta geral.



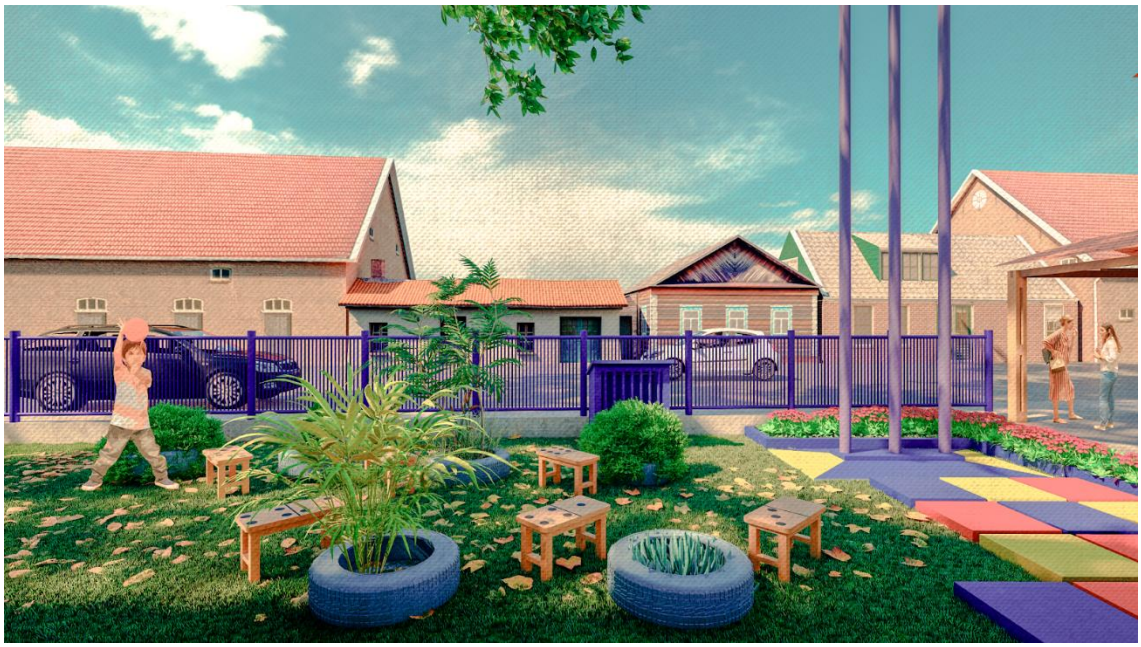

Fonte: Autores, 2025.

### 4.1 Áreas de plantio

As áreas de plantio incluem o limite da escola próximo à quadra poliesportiva e refeitório da escola (subespaços 1 e 2) e áreas próximas ao acesso principal da escola (subespaços 3, 4 e 5). Nesses ambientes, foi proposta a inserção de vegetação, contribuindo para mais qualificação ambiental e conforto térmico. Para as áreas onde não há fácil monitoramento, não foram inseridos mobiliários que incentivassem a permanência dos alunos. Já nas áreas de entrada da escola, a escolha e distribuição das espécies se configuram de maneira convidativa, uma vez que são as primeiras a serem vistas ao adentrar a escola.

A área da Samaumeira (subespaço 5) permaneceu como um ponto de identidade da Escola, além de ser um lugar onde as crianças esperam os pais, podendo ser usado para brincar e descansar nos intervalos. Os pneus com plantas foram reorganizados para formar um caminho e entre eles foram adicionados bancos de madeira no estilo “dominó”. Também foi prevista a ampliação de um canteiro ao lado da passarela e a criação de outro ao longo da grade, formando um desenho em “L”. Para esses canteiros, foram escolhidas espécies de pequeno porte para uma melhor visualização da composição (Figura 6).

Figura 6: Área da Samaumeira (subespaço 5).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

### 4.2 Áreas de infraestrutura sustentável

A categoria de infraestrutura sustentável (Tabela 3), dividida em dois subespaços, se apresenta no projeto como resposta às necessidades identificadas tanto nas observações quanto nas respostas obtidas nas dinâmicas: um espaço de horta e compostagem como parte de um projeto já existente na escola, tendo como função o auxílio na educação ambiental e contribuindo com ingredientes frescos e seguros para a alimentação escolar (subespaço 6) e um espaço adequado

(subespaço 7) para guardar as bicicletas dos alunos, que ficavam espalhadas próximo à entrada da escola (Figura 7).

Tabela 3: Subespaços 6 e 7 - Áreas de infraestrutura sustentável.

| | |
|---|---|
| Horta e Compostagem | Busca viabilizar a iniciativa dos professores na criação de um sistema autossustentável para a alimentação escolar, enquanto a composteira contribui para a transformação dos resíduos orgânicos em adubo. Foi posicionado atrás de um dos blocos de salas de aula e próximo à caixa d'água, por estar perto da cozinha, facilita a rega e o acesso pelos funcionários que cuidarão deste projeto. Os canteiros foram propostos para serem acessíveis aos alunos, porém não de modo irrestrito, permitindo uma interação supervisionada, como sugerido pela coordenação pedagógica da escola. |
| Bicicletário | Busca oferecer um local seguro e sombreado para a guardar as bicicletas dos alunos e funcionários. Foi escolhido um espaço subutilizado para a instalação dos bicicletários, prevendo uma adaptação em um dos portões, para entrada e saída das bicicletas. A vegetação existente foi mantida e foi prevista a instalação de um painel de madeira e tela aramada, delimitando uma área técnica para as condensadoras de ar condicionado e restringindo o acesso às equipes de manutenção. As vagas para as bicicletas foram organizadas de forma a garantir uma boa mobilidade. |

Fonte: Autores, 2026.

Figura 7: Bicicletário (subespaço 7).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

### 4.3 Áreas multiuso

As áreas multiuso (Tabela 4) foram pensadas de forma a cumprir funções diversas, podendo ser usados para fins de recreação, também exercem emprego de apoio pedagógico, com aporte para atividades ao ar livre, eventos e reuniões em área protegida de sol e chuva, as áreas multiuso oferecem possibilidades tanto para os alunos quanto para a comunidade na qual a escola se insere, podendo ser um ponto de inter-relação entre a comunidade escolar e seu entorno (Figuras 8 e 9).

Tabela 4: Subespaços 8 e 9 - Áreas multiuso.

| | |
|---|---|
| Área Multiuso Descoberta | Idealizada para diversidade de usos, a área multiuso descoberta (subespaço 8), próxima a quadra poliesportiva, foi dividida em três espaços diferentes, pensados com a possibilidade de fácil remoção para futuras obras. O primeiro é o pergolado com trepadeiras, um espaço com bancos e sombra, estruturado com madeira, com piso modular de fácil instalação e manutenção e com vegetação que crescerá apoiada no pergolado fazendo sombra. O segundo é o espaço para aulas ao ar livre, com apoio de um quadro branco feito em revestimento cerâmico na parede e bancos de tronco de eucalipto, com cobertura em lona tensionada, sustentada por estacas de madeira. O terceiro é destinado às rodas de conversa, com banco em formato de anfiteatro em dois níveis de assentos, piso feito em tijolos intertravados, estrutura de madeira e cobertura de lona tensionada, posicionado próximo a canteiros com bancos e árvores frutíferas. |
| Área Multiuso Coberta | A área multiuso coberta (subespaço 9), é um espaço sem paredes, em formato aberto, planejado para ser um conjunto com o refeitório e integrado, também, às outras áreas livres, com vista para áreas de convivência 4 e 5. Possui estrutura em madeira e telhas que combinam com as que já existem na escola. O piso será em concreto, garantindo mais rapidez e economia na obra. Além disso, o piso é nivelado às passarelas, garantindo maior acessibilidade. O objetivo é que seja usado principalmente como auditório, mas que também possa ser adaptado para diferentes eventos, ou até como ambiente de extensão de aulas de dança, teatro e lutas. Possui um pequeno palco fixo e bancos móveis que podem ser organizados de maneiras diversas, essa área é de grande potencial para as mais distintas ações possíveis à comunidade escolar e ao entorno, podendo integrar-se, por exemplo, a ações de vacinação e reuniões de moradores do bairro. |

Fonte: Autores, 2026.

Figura 8: Área multiuso descoberta (subespaço 8).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Figura 9: Área multiuso coberta (subespaço 9).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

### 4.4 Áreas de convivência

As áreas de convivência (categoria com o maior número se subespaços) foram concebidas com função social de integração entre os alunos. Seus subespaços são separados (Tabela 5) de forma a atender especificamente necessidades e socializações diferentes, levando em conta as diferentes faixas etárias dos usuários e como esses espaços já eram usados antes. Dessa forma, cada subespaço foi desenvolvido pensando nas atividades que acontecem especificamente naquele local e qual é o seu público-alvo (Figuras 10 e 11).

Tabela 5: Subespaços 10, 11, 12, 13, 14 - Áreas de convivência.

| | |
|---|---|
| Área de convivência 01 | Está localizada após o primeiro bloco de salas de aula e bicicletário, foi pensada para ser um espaço de convivência e ludicidade principalmente para os alunos mais velhos (subespaço 10), possui três conjuntos de mesa de dama/xadrez e bancos, o piso embaixo das mesas é em concreto e a área possui ainda uma passarela em pedrisco marrom. A vegetação escolhida foi posicionada rente ao muro para impedir um contato mais próximo com o exterior, mas sem perder a visibilidade. Também há pequenos canteiros arredondados nos cantos superiores emoldurando a área. |
| Área de convivência 02 | Na extensão dessa área de convivência (subespaço 11), o piso segue a mesma padronagem em pedrisco marrom formando uma continuação da passarela com um banco preexistente no centro do subespaço. Rente à grade foi designado um canteiro em linha curva que espelha o canteiro do outro lado; também há um canteiro linear rente à passarela no lado oposto à grade que delimita o ambiente e impede que a correria invada o subespaço. |
| Área de convivência 03 | Está localizada entre os blocos de salas de aulas dos alunos maiores (subespaço 12) e busca atender primordialmente a esse público. Organizada como uma pequena praça, a área designada incorpora os três bancos preexistentes em um desenho com passagens diagonais e canteiros triangulares. A escolha da vegetação foi pensada de maneira a garantir um bom sombreamento com árvores de porte alto, uma vez que a área é pouco utilizada atualmente pela falta de sombra. Para os canteiros foram escolhidas espécies com boa adaptação ao sol pleno e sombra, e com apelo visual, adicionando cor ao subespaço. |
| Área de convivência 04 | Está localizada entre os blocos do refeitório e administração (subespaço 13) e funciona como uma área de transição pensada para complementar a área de alimentação dos alunos, contando com três conjuntos de bancos e mesas que podem servir como uma extensão ao ar livre do refeitório. A vegetação pretendida é de arborização de grande porte, com açaizeiros e outras palmeiras em paralelo à passarela e demais espécies espalhadas pelo subespaço. |
| Área de convivência 05 | É uma área de pomar e leitura (subespaço 14), com entrada tanto pela passarela entre o refeitório e bloco administrativo, quanto pela área da samaumeira, formando um pequeno bosque em formato de C. Possui circulação dupla entre os blocos e uma única circulação central na lateral e à frente do bloco administrativo. O piso nas circulações é em pedrisco marrom e grama amendoim nas demais áreas. O projeto propõe bancos espalhados laterais à circulação e arborização de alto porte a fim de sombrear todo o subespaço. |

Fonte: Autores, 2026.

Figura 10: Áreas de jogos de mesa e espreguiçadeiras (subespaços 10 e 11).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Figura 11: Área de pomar e leitura (subespaço 14).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

### 4.5 Áreas de recreação

Elaboradas com o objetivo de cumprir a função do lazer, as áreas de recreação foram divididas em três subespaços (Tabela 6), sendo um para as crianças menores e dois para as crianças maiores (Figuras 12 e 13). O objetivo de dividir desta maneira é garantir a segurança das crianças menores durante os intervalos. Essa estratégia já existia antes e o projeto foi elaborado com base nisso. Dessa forma, as crianças maiores podem correr livremente em seus espaços designados sem oferecer perigo aos pequenos que brincam com segurança e supervisão em seu próprio espaço.

Tabela 6: Subespaços 15, 16 e 17 - Áreas de recreação.

| | |
|---|---|
| Para crianças maiores 01 e 02 | As áreas de recreação para crianças maiores (subespaços 15 e 16) foram pensadas para serem ambientes seguros e confortáveis. Por isso foi definida a melhoria do piso, para que ficasse mais firme e evitar alagamentos e a organização do lugar para que as crianças possam correr, brincar e descansar. O coreto e os brinquedos que já existem no local foram mantidos, mas foram adicionados caminhos de brita, um "campinho" alternativo para a prática de esportes, bancos que podem servir como arquibancadas, áreas de descanso abaixo das árvores com redes de corda presas em troncos fixos e canteiros com espécies com flores, e árvores frutíferas. A escolha das árvores foi pensada para sombrear o espaço e promover um maior contato com a natureza. |
| Para crianças menores | A área de recreação destinada às crianças menores (subespaço 17) está localizada próxima das salas de aula da educação infantil. A ideia foi criar um ambiente acolhedor e seguro para brincar e se desenvolver em um lugar adaptado à faixa etária, garantindo mais liberdade para explorar e se divertir, separados dos alunos mais velhos para maior segurança e supervisão. O local foi dividido em áreas de brincadeiras e área de meditação. Nas laterais, as crianças terão espaço para correr e brincar livremente, enquanto a área central funciona como um "mini oásis", um espaço para relaxar e se reconectar, podendo ser usado na "hora da meditação" que as professoras fazem para acalmar as crianças após o intervalo. Além de pensar na segurança e no conforto das crianças, foram escolhidos elementos que estimulam a curiosidade, com texturas e cores que tornam o ambiente mais envolvente. Os materiais utilizados nos mobiliários propostos combinam com a estética da escola, adicionando brinquedos interativos como uma ponte de equilíbrio, uma pista de carrinhos, uma casinha multifuncional e um gira-gira, e reorganizando os antigos brinquedos da escola. O espaço possui canteiros interativos com plantas verdes e flores coloridas que conectam as crianças com a natureza. |

Fonte: Autores, 2026.

Figura 12: Área de recreação para crianças maiores (subespaços 15 e 16).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

Figura 13: Área de recreação para crianças menores (subespaço 17).



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2025.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços livres escolares, como o da escola Palmira Lins de Carvalho em Belém, são componentes vitais do sistema de espaços livres da cidade e desempenham um papel estratégico que ultrapassa a dimensão recreativa, configurando-se como elementos fundamentais do sistema de espaços livres urbanos e como instrumentos de qualificação socioambiental. A arquitetura da paisagem nesses locais deixa de ter um caráter meramente estético para assumir uma função estruturante e pedagógica, transformando pátios em extensões da sala de aula que promovem o desenvolvimento social, a conscientização ambiental e o bem-estar dos alunos.

A análise da escola revelou que o uso e a apropriação dos espaços estão diretamente relacionados às condições físicas, ao arranjo espacial e às dinâmicas sociais dos usuários. A

abordagem metodológica qualitativa, aliada à participação da comunidade escolar, permitiu identificar potencialidades e limitações do espaço, orientando diretrizes projetuais mais sensíveis às necessidades reais. Assim, o projeto paisagístico proposto reforça a importância de soluções sustentáveis, multifuncionais e inclusivas, capazes de estimular o pertencimento, reduzir impactos ambientais e ampliar as possibilidades pedagógicas.

Por fim, a experiência da extensão universitária demonstrou ser uma ferramenta interdisciplinar de formação e transformação social, aproximando universidade e comunidade. Ao articular teoria e prática, o projeto contribui não apenas para a requalificação física dos espaços escolares, mas também para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com questões ambientais, consolidando o papel da arquitetura da paisagem na construção de ambientes educadores e sustentáveis.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Giselle Arteiro; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina (orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres: uso, forma e apropriação**. 2° Ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2017.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. **Temas básicos em psicologia ambiental.** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011.

DUARTE, Cristiane Rose. Olhares possíveis para o pesquisador em Arquitetura. **Revista INTER-FACES**, v. 1, n. 13, p. 130-145, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas:** LTC. Rio de Janeiro 1989.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN, Ariane; PATO, Claudia. **Psicologia Ambiental em contextos urbanos**. Florianópolis: Edições do bosque, 2019.

HOLANDA, Gerda de Souza; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. ESTRATÉGIA DA TRIANGULAÇÃO: UMA INCURSÃO CONCEITUAL. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 1150–1166, 2020. DOI: 10.7867/1809-0354.2020v15n4p1150-1166. Disponível em: https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8129. Acesso em: 16 nov. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KATON, Geisly França; TOWATA, Naomi; SAITO, Luis Carlos. A cegueira botânica e o uso de estratégias para o ensino de botânica. **III Botânica no Inverno**, p. 179-82, 2013.

LEÃES, Cristiane Martini da Silveira. **A importância das oficinas em educação ambiental para alfabetização e letramento científico no ensino fundamental: proposta de uma sequência didática.** 2022. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências da Natureza) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/237744 . Acesso em: 23 mar 2026.

MACEDO, Sílvio Soares; QUEIROGA, Eugenio Fernandes; CAMPOS, Ana Cecília de Arruda; GALENDER, Fany; CUSTÓDIO, Vanderli. **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil.** Rio de janeiro: Edusp, 2018.

MARTINS, Rudnei Joaquim; GONÇALVES, Teresinha Maria. Apropriação do espaço na pré-escola segundo a psicologia ambiental. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 622-631, 2014.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, p. 121-130, 1998.

OLIVEIRA, Neyla Cristiane Rodrigues de; OLIVEIRA, Francisca Carla Silva de; CARVALHO, Denis Barros de. Educação Ambiental e Mudanças Climáticas em Escolas Sustentáveis: percepção de professores da educação básica. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 31, e25032, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-731320250032. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/W5dWk3LrvksNdjydKykqBSm/abstract/?lang=pt . Acesso em: 23 mar 2026.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: UNIC Rio, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs. Acesso em: 5 fev. 2025

PACHECO, Juliana; DORNELES, Vanessa Goulart. A APROPRIAÇÃO DOS PATIOS ESCOLARES E A IMPORTÂNCIA PARA SEUS USUÁRIOS**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 140–155, 2024. DOI: 10.21680/2448-296X.2024v9n1ID32047. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/32047. Acesso em: 27 out. 2025.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SANTOS, Karine da Silva; RIBEIRO, Maria Cristina; QUEIROGA, Danlyne Eduarda Ulisses de; SILVA, Ivisson Alexandre Pereira da; FERREIRA, Sonia Maria Soares. O uso de triangulação múltipla como estratégia de validação em um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, 2018. Disponível em: http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-uso-de-triangulacao-multipla-como-estrategia-de-validacao-em-um-estudo-qualitativo/16823?id=16823. Acesso em: 16 nov. 2025.

SILVA, Maria Tamires da; SILVA, Francisco Alan Cristhian Viana da; COSTA, Danielle Rabelo. Educação ambiental por meio de oficinas lúdicas: relato de experiência. **Revista Expressão Católica**, Quixadá, v. 11, n. especial, nov. 2022. ISSN: 2357-8483. Disponível em: https://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/100. Acesso em: 23 mar 2026.

STEINITZ, Carl. **Landscape Planning: A History of Influential Ideas-An eminente landscape planner looks at the key ideas of planners who preceded him.** Landscape architecture, v. 99, n. 2, p. 74, 2009.